



CLÉ MATEQUE
ESCRITOR



F U N E R A L
do AMOR

FUNERAL DO AMOR

Clima cinzento
Travões vindo de bocas
Chuva vindo dos olhos
O vazio gerava emoções
Expressas em forma de precipitação

Alguns tinham um coração de gelo
Ecoaram palavras frias e cheias de carvão
Houve palavras de espinhos
Esperaram sua inexistência Para proferir palavras dolorosas sem magoar...
Sem magoar o proprietário de tantas acusações
Doeu o declamar daquela triste poesia
Que foi adiada até ao final da existência daquele pobre amor

Não houve sequer um elogio
Num clima analogamente fúnebre
Alguns engoliam sua satisfação por vê-lo morto
Outros soluçavam absurdamente sem palavras
Jamais os sonhos terão seu encontro...
Seu encontro com o futuro

O futuro foi desempregado
Nem brasa nem fumaça

O amor mudou de lado

Já não mais quer espalhar felicidade

O amor preferiu ser desempregado

Pois, as pessoas que ali estavam

Achavam melhor vê-lo acabado

Todos puseram caras tristes

Quando alguém disse

Alguém teve coragem de falar a verdade nua e crua

Esse amor fomos nós quem matamos

As dúvidas no coração deles fomos nós quem plantamos

Separar os dois, nós também tentamos

Dissemos que ela era boa demais para ele,

Que ele queria todas as moças para ele,

Chicoteando o amor deles como se fosse algo errado

Tivemos inveja

Era muito amor que eles davam um ao outro

Preocupamo-nos tanto com o deles ao invés de desenhar o nosso

E posteriormente colorir.

Autor: Clé Mateque

Luanda aos 21/Agosto/2023